

Noelle Tavares Ferreira

**A medicalização em Estudantes de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Instituições Federais
de Minas Gerais: Desafios e Perspectivas**

Uberlândia

2024

Noelle Tavares Ferreira

**A medicalização em Estudantes de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Instituições Federais
de Minas Gerais: Desafios e Perspectivas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profª. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva

Uberlândia

2024

Noelle Tavares Ferreira

**A medicalização em Estudantes de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Instituições Federais
de Minas Gerais: Desafios e Perspectivas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva

Banca Examinadora

Uberlândia, 03 de Maio de 2024

Profa. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Ma. Thais de Sousa Rodrigues (Examinadora)
Prefeitura Municipal de Araguari – Araguari, MG

Ma. Anna Paula Martins Leite (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2024

Resumo

A pós-graduação é um período desafiador na jornada acadêmica, no qual as/os estudantes se envolvem em atividades intensivas de pesquisa e produção de conhecimento científico e, ainda, relacionadas à docência. Este artigo tem como objetivo analisar o fenômeno da medicalização em estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu* de Instituições Federais de Minas Gerais considerando o contexto da pandemia de Covid-19. Trata-se de um recorte de dados de duas pesquisas realizadas entre 2019 e 2024, ambas com estudantes de cursos de mestrado e doutorado; a primeira com 374 discentes da Universidade Federal de Uberlândia e a segunda com 638 estudantes das 11 Universidades Federais de Minas Gerais. De cunho quantitativo e qualitativo, os estudos basearam-se em questionário *on-line* enviado pela Plataforma *SurveyMonkey*, com 100 questões sobre o perfil das/os estudantes e identificar o sofrimento psíquico; no segundo, incluímos questões sobre a pandemia e realizamos rodas de conversa *on-line* para aprofundar a compreensão dos dados oriundos das respostas aos questionários. Ambas as etapas foram analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo. Constatamos que a pandemia não apenas evidenciou, mas também amplificou inúmeros problemas existentes nos programas de mestrado e doutorado, como: falta de formação para a docência por parte de muitas/os professoras/es, dificuldades na relação orientanda/o orientador/a, ausência de empatia, assédio moral e desconsideração de dilação de prazos devido à crise provocada pela nova situação posta pelo vírus, dentre outras situações. O fenômeno da medicalização também se manifesta no contexto acadêmico, pois 42% das/os estudantes relataram o uso de medicamentos psiquiátricos, seja no momento da pesquisa ou no ano anterior, o que indica a necessidade de estudos mais aprofundados sobre essa temática.

Palavras-chave: Ensino Superior, medicalização, pós-graduação *stricto sensu*

Agradecemos à Fapemig pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa

Introdução

A pós-graduação é reconhecida como um período desafiador na jornada acadêmica, no qual as/os estudantes se envolvem em atividades intensivas de pesquisa e produção de conhecimento científico e, ainda, relacionadas à docência. Em linhas gerais, segundo o portal do MEC (Brasil, 2018) a pós-graduação *stricto sensu* compreende programas de mestrado e doutorado abertos a todas/os as/os graduados em cursos de ensino superior.

Para esta discussão, é necessário, inicialmente, posicionar a pós-graduação brasileira em termos de políticas públicas no campo educativo. Podemos definir políticas públicas, segundo Teixeira (2002, p. 2), como “[...] diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado”. No campo da Educação, cabe mencionar a importância da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), instituída em 1951, com o intuito de possibilitar a formação e a qualificação, em nível superior, para a formação e a qualificação de pessoal em nível superior para o atendimento das necessidades de empreendimentos, tanto públicos como privados, que forneceriam as bases primordiais ao desenvolvimento do Brasil.

Segundo a própria Capes, a partir do Parecer CES/CFE 977 de 1965 que a instituiu¹, justifica-se a necessidade da oferta de mestrados e doutorados “de alta qualidade” por três grandes objetivos:

1. formação de professorado competente que possa atender a demanda no ensino básico e superior garantindo, ao mesmo tempo, a constante melhoria da qualidade;

¹ Disponível: <http://capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-e-doutorado-o-que-sao> Acesso: 6 mar. 2019

2. estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da preparação adequada de pesquisadores;
3. assegurar o treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores intelectuais do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores.

De acordo com Cabral et al. (2020) a década de 1970 viu um notável avanço na pós-graduação brasileira, com a criação do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) sob a incumbência da Capes. O primeiro plano (I PNPG) abarcou de 1975 a 1979 e guiou objetivos e ações estratégicas da pós-graduação levando em conta a conjuntura brasileira, presente e futura. O PNPG instituiu a pós-graduação como política de estado, visando organizar a expansão da pós-graduação e, ainda, buscou a integração das políticas de desenvolvimento social e econômico do país.

O último PNPG abrangeu o período de 2011-2020, teve como finalidade “definir novas diretrizes, estratégias e metas para dar continuidade e avançar nas propostas para a política de pós-graduação e pesquisa no Brasil”² e voltou-se para o desenvolvimento estratégico do país em diferentes áreas do conhecimento, alicerçado na ciência, considerada aliada fundamental. O documento, bastante amplo, destacou a “necessidade de um novo contrato entre ciência e sociedade, um trabalho voltado para a garantia de que o progresso científico se oriente para a resolução dos reais problemas que afetam a humanidade.” (Capes, 2010, p. 157).

Apenas em 2023, com o novo governo, a Capes abriu uma consulta pública para o novo Plano de Pós-Graduação, na plataforma “Participa + Brasil”, com a versão preliminar do documento, e possibilitou de forma inédita, democraticamente, a participação de diferentes setores da comunidade acadêmica e da sociedade. São apresentados seis desafios:

² https://uab.capes.gov.br/images/stories/download/PNPG_Miolo_V2.pdf

aumentar o percentual de mestres e doutores na população, garantir condições adequadas no acesso, permanência e conclusão nos cursos, ampliar a diversidade e a inclusão dos estudantes, reduzir as diferenças de oferta da pós-graduação e melhorar as interações com o mundo do trabalho.³

Concomitantemente à importância do Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG) como política de estado, precisamos focalizar o público atendido por essa política educacional. Dados de agosto de 2023 do GEOCAPES⁴ mostram que tínhamos 142.697 mestrandas/os e 131.232 doutorandas/os matriculadas/os em 2022, sendo 14.513 e 11.920, respectivamente no estado de Minas Gerais, números que dão a dimensão do público da pós-graduação *stricto sensu* no país.

Apresentado este breve panorama da pós-graduação *stricto sensu*, é necessário destacar que, para além das experiências individuais e subjetivas, como a trajetória pessoal e a formação da identidade, o ensino superior também é constituído por fatores estressores socioestruturais e coletivos (Glatz et al., 2022). Neste sentido, Zacan et al. (2021) ressaltam que é comum que os indivíduos enfrentem diversos obstáculos e pressões, que vão desde a demanda por excelência acadêmica até a busca por financiamento para suas pesquisas. Diante do considerável supracitado contingente de pós-graduandas/os, Glatz et al. (2022) expõem como o ambiente acadêmico é extremamente competitivo, permeado de desafios, obstáculos e pressões, resultantes de uma sociedade que promove a individualização, colocando a produção e o desempenho como valores fundamentais de sua estrutura, o que pode acarretar estudantes muito mais vulneráveis ao

³ A consulta ficou aberta de 20 de dezembro de 2023 a 25 de janeiro de 2024. “No documento colocado para a consulta pública, a sociedade tem acesso a um panorama da pós-graduação brasileira e poderá apresentar sugestões em diversos itens da versão preliminar do PNPG. [...] O novo PNPG apresenta seis desafios, como aumentar o percentual de mestres e doutores na população, garantir condições adequadas no acesso, permanência e conclusão nos cursos, ampliar a diversidade e a inclusão dos estudantes, reduzir as diferenças de oferta da pós-graduação e melhorar as interações com o mundo do trabalho.” Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-abre-consulta-publica-para-plano-de-pos-graduacao>

⁴ <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>

sofrimento psicológico. Assim, a vida acadêmica permeada de fatores estressores, alicerçada em uma sociedade movida à produtividade e imediatismo, contribui para a constituição de estudantes vulneráveis ao sofrimento psíquico e ao adoecimento.

No final de 2019 e início de 2020 surgiu um cenário atípico e desafiador que expôs crises econômicas, políticas e sanitárias em todo o mundo. O coronavírus, SARS-CoV-2, foi responsável por acarretar a doença Coronavírus Disease 2019 (COVID-19). Nesse contexto, exacerbou-se ainda mais o sofrimento experimentado pela população, revelando medos, angústias e incertezas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou em junho de 2022 uma extensa revisão sobre a saúde mental em nível mundial; o estudo registra que em 2019 quase 1 bilhão de pessoas vivia com algum tipo de transtorno mental. O site Onu News aponta que “Desafios globais como desigualdade social, pandemia de Covid-19, guerra e crise climática são ameaças à saúde global. Segundo o estudo, depressão e ansiedade aumentaram mais de 25% apenas no primeiro ano da pandemia” (ONU, 2022).

No mundo acadêmico, as/os estudantes da pós-graduação se viram diante não apenas desses medos e incertezas advindas da pandemia, como também diante da suspensão de atividades acadêmicas em um primeiro momento, do distanciamento de colegas, docentes e orientadoras/es, do fechamento de laboratórios, restrições de acesso a bibliotecas e eventos acadêmicos cancelados. Assim, muitas/os pesquisadoras/es se viram isoladas/os e enfrentando dificuldades para dar continuidade aos seus projetos. Além disso, as incertezas em relação ao financiamento de bolsas de estudo e à possibilidade de prorrogação dos prazos de conclusão das pesquisas adicionaram uma camada adicional de estresse ao já desafiador ambiente acadêmico (Santos, 2023).

Pensando em indivíduo multifatorial, inserido num contexto diverso e dinâmico, Silva e Tuleski (2015) destacam como o sofrimento psíquico muitas vezes é visto somente no nível biológico pelas psicologias biologizantes, apartando-se erroneamente do contexto histórico e cultural da saúde psíquica. Assim, ao pensar no sofrimento entre estudantes ressalta-se a

necessidade de não se limitar apenas a aspectos referentes à universidade e sim, sofrimentos no âmbito social e cultural de cada indivíduo durante o período pandêmico, pois se viram de frente a crises familiares, dissoluções de redes de apoio, enfraquecimento dos direitos sociais, bem como desafios nas relações interpessoais e no ambiente de trabalho (Leão et al, 2019; Silva & Tuleski, 2015).

Ainda nesta perspectiva, conforme a Patopsicologia Experimental, desenvolvida pela psicóloga lituana Bluma V. Zeigarnik (1979), na pessoa adoecida, a dimensão biológica passa a desempenhar um papel diferente e cria condições que modificam a atividade psíquica. Considerando a relação dialética entre o organismo e o meio social, mudanças nas condições materiais concretas apresentarão reverberações no corpo e provocarão alterações na personalidade do sujeito.

Falamos de mudanças na personalidade quando, devido à influência da doença, os interesses do paciente se tornam mais restritos, diminuem suas necessidades, quando ele se torna indiferente ao que antes o inquietava, quando suas ações perdem a finalidade, quando o homem deixa de regular seu comportamento e não está em condições de avaliar adequadamente suas possibilidades. (Zeigarnik, 1979, p. 109, tradução livre).⁵

Paralelamente ao sofrimento psíquico, é imprescindível falarmos da medicalização da educação. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2015, p. 11).

⁵ No original: “Hablamos de cambios en la personalidad cuando, por influencia de la enfermedad, se estrechan en el paciente los intereses, disminuyen las necesidades, cuando se vuelve indiferente hacia aquello que antes lo inquietaba, cuando sus acciones pierden su finalidad, cuando sus actos se hacen ilógicos, cuando el hombre deja de regular su conducta y no está en condiciones de valorar adecuadamente sus posibilidades.”

Entende-se por medicalização o processo por meio do qual as questões da vida social – complexas, multifatoriais e marcadas pela cultura e pelo tempo histórico – são reduzidas a um tipo de racionalidade que vincula artificialmente a dificuldade de adaptação às normas sociais a determinismos orgânicos que se expressariam no adoecimento do indivíduo.

Em pesquisa realizada por Rodrigues (2018) sobre a medicalização no Ensino Superior, a autora analisou laudos de Dislexia e TDA/H utilizados por candidatas/os ao vestibular de uma universidade pública de Minas Gerais para o ingresso no Ensino Superior a partir das contribuições da Teoria Histórico-Cultural. O número de requerimentos apresentados aumentou de 2003 para 2016, bem como o uso de medicamentos; 32 candidatos mencionaram o uso de metilfenidato. O metilfenidato, popularmente conhecido como Ritalina, comumente é utilizado no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção com/sem Hiperatividade (TDA/H) e tem anfetamina em sua composição (Rodrigues, 2018).

Ao analisar 809 requerimentos e laudos, Rodrigues (2018) constatou a supremacia médica no entendimento acerca do desenvolvimento humano e do sofrimento psíquico e, nessa chave de compreensão, como a vida cotidiana, notadamente o processo de escolarização, vem sendo ocupado pela medicina e pela presença de medicamentos utilizados, de modo banalizado, para a concentração para estudar, para a realização de provas e a consequente medicalização do aprender.

Essa conjunção de fatores, ou seja, consequências da pandemia de Covid-19 e a medicalização da educação, também contribuiu para a exacerbação do sofrimento na pós-graduação *stricto sensu*, com muitas/os discentes desenvolvendo sintomas depressivos, ansiogênicos e de esgotamento, situação em que a única saída foi recorrer ao uso de medicamentos a fim de atingir a produtividade requerida (Santos, 2023; Zacan et al., 2021). No entanto, Meira (2012) expõe que “o processo crescente de medicalização da vida cotidiana e suas expressões contemporâneas no campo da educação” (p. 136), normalizaram o deslocamento de

problemas cotidianos para o campo médico. Desta forma, a medicalização da vida cotidiana é capaz de transformar sensações físicas ou psicológicas normais (tais como medo e insegurança) em sintomas de doenças, deixando de lado aspectos subjetivos e históricos.

Com o intuito de identificar o motivo de ingresso na pós-graduação *stricto sensu*, sua relação com o perfil dos estudantes e nível de estresse, Silva et al. (2023) realizaram um estudo junto a estudantes da Universidade Federal de Uberlândia no período de 2019 a 2021, que constatou grande sofrimento, com destaque para a falta de motivação e dificuldade de conciliar estudos, trabalho, vida pessoal e familiar. Ademais, outro artigo publicado pelo mesmo grupo de pesquisa aponta que o alto nível de estresse das/os pós-graduandas/os relaciona-se a fatores como “falta de motivação; pressão interna pelo bom desempenho; interferência da demanda dos estudos sobre outros aspectos de sua vida; aspectos financeiros pessoais; dificuldade relativa ao prazo para elaboração da tese ou dissertação; falta de incentivo” (Miranda et al., 2022, p. 25).

Com o advento da pandemia de Covid-19, a equipe de pesquisa decidiu prosseguir com o estudo, que objetivou analisar o impacto da pandemia em relação ao sofrimento psíquico de estudantes de cursos de pós-graduação *stricto sensu* de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Estado de Minas Gerais.⁶

Considerando o panorama e as questões acima apresentadas este artigo relata um recorte da pesquisa supracitada e tem como objetivo analisar o fenômeno da medicalização em estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu* de Instituições Federais de Minas Gerais considerando o contexto da pandemia de Covid-19. Buscamos compreender como a medicalização se manifesta no contexto acadêmico, analisando fatores que contribuem para esse fenômeno, como pressões acadêmicas, demandas institucionais, bem como o uso de medicamentos. Pretendemos, assim, fornecer uma visão abrangente dos aspectos desafiadores da medicalização nesse grupo específico, bem como explorar possíveis estratégias e perspectivas

⁶ A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFU e aprovada – CAAE nº 50957621.6.0000.5152 e financiada pela Fapemig - “Edital 001/2021 - Demanda Universal”.

para lidar com essas questões, visando contribuir para a promoção da saúde mental e o desenvolvimento acadêmico das/os mestrandas/os e doutorandas/os.

Método

Para alcançar o objetivo deste artigo que é analisar a medicalização na pós-graduação *stricto sensu*, nos apoiaremos na apresentação de parte dos dados da pesquisa “*Sofrimento psíquico na pandemia de Covid 19 – pesquisa com estudantes de pós-graduação stricto sensu em IES mineiras*”, realizada de 2022 a 2024. Contudo, consideramos dialogar com alguns dados da primeira, intitulada “Sofrimento Psíquico na Educação Superior: um olhar sobre estudantes da pós-graduação *stricto sensu*”, elaborada entre 2019 e 2020.⁷

A primeira etapa de nossa investigação, de cunho quantitativo e qualitativo, foi desenvolvida por meio de aplicação de questionário *on-line*, pela Plataforma *SurveyMonkey*, enviado por *e-mail* a todos as coordenações das 11 Universidades Federais com pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) do estado de Minas Gerais. Esta etapa teve como objetivo levantar informações concernentes ao perfil da/o pós-graduanda/o considerando o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo (a saber: a) mapear características sociodemográficas das/os estudantes de pós-graduação *stricto sensu* de IES públicas no período da pandemia e b) identificar a existência de sofrimento psíquico e propor encaminhamentos).

O questionário teve 100 questões, compostas por dados sociodemográficos, interesse pela pós-graduação, condições para permanência e conclusão do curso. Incorporamos muitas perguntas do questionário aplicado às/aos estudantes na 5ª edição da “Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais”, realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e pelo Fórum

⁷ Agradecemos aos demais componentes da equipe de pesquisa, composta por: Profª. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (coordenadora), Profª. Dra. Renata Fabiana Pegoraro, Prof. Dr. Leonardo Barbosa e Silva, Prof. Dr. Gilberto José Miranda e graduanda Yonara Borges Silva.

Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (Fonaprace) (2018), pois as consideramos condizentes com o estudo. De acordo com a Andifes, “Os dados são fundamentais por gerarem subsídios para políticas públicas e diagnóstico de como está constituído o corpo discente das universidades, com a finalidade de auxiliar, também, nas demandas de assistência estudantil.”⁸ O questionário também incluiu Escalas de Stress Percebido e de Preocupações e Indicador de Dificuldades.

Os questionários foram analisados pelo *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), a fim de organizar os dados obtidos. Tivemos 792 acessos ao questionário, porém, para a análise foram considerados 638 questionários preenchidos de modo completo. Constatamos que a pandemia não apenas evidenciou, mas também amplificou inúmeros problemas existentes nos programas de mestrado e doutorado, como: falta de formação para a docência por parte de muitas/os professoras/es, dificuldades na relação orientanda/o orientador/a, ausência de empatia, assédio moral e desconsideração de dilação de prazos devido à crise provocada pela nova situação posta pelo vírus, dentre outras situações.

A outra etapa da pesquisa consistiu na realização de Rodas de Conversa *online*, por meio da Plataforma *Microsoft Teams* com as/os participantes que se disponibilizaram para tal, no questionário anterior. No total foram realizadas três Rodas de Conversa em 2023 com a duração de uma hora e meia, sendo que na primeira roda tivemos nove participantes, na segunda três e na terceira e última foram dois participantes. Pedimos o consentimento de todos/as para que pudéssemos gravar e posteriormente transcrever as rodas para a análise dos dados.

A utilização das Rodas de Conversa oferece uma abordagem coletiva para o envolvimento em discussões focadas em assuntos específicos; assim, este método proporciona às/aos participantes a oportunidade de interagir, expressar os seus pontos de vista e refletir ativamente sobre os seus próprios pensamentos e os de suas/seus colegas. No âmbito da pesquisa,

⁸ <http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-perfil-graduando-encerra-fase-de-coleta-de-dados/>

a Roda de Conversa serve como uma técnica de construção de dados, permitindo ao/a pesquisador/a participar ativamente e ao mesmo tempo contribuir para o processo de análise dos dados; desta forma, funciona como uma ferramenta que permite a troca de experiências e incentiva a geração de reflexões sobre as práticas educativas (Moura & Lima, 2014). Tanto os questionários como as rodas de conversa foram compreendidas por meio da análise de conteúdo, com inspiração em Bardin (2016).

Análise – o que nos contam as/os estudantes

Neste artigo fizemos um recorte dos dados elaborados ao longo da pesquisa e analisamos as respostas relativas às questões sobre medicação psiquiátrica e atendimento psicológico, além do material oriundo das rodas de conversa. Na primeira pesquisa, tivemos 38,5% de pessoas do gênero masculino, 60,7% do feminino, 0,5% não binárias e 0,3% optaram por não responder. Em relação à faixa etária, 44,7% das/os respondentes têm entre 25 e 29 anos e 20,10% entre 30 e 34 anos; assim, a maioria das/os estudantes (64,8%) situa-se na faixa de 25 a 34 anos. Um pouco mais da metade das/os estudantes não é bolsista do Programa (55,6%); entre as/os que são, a Capes é a agência de fomento mais citada (27,5%).

Na segunda pesquisa, tivemos 28,33% de pessoas do gênero masculino, 59,31% do feminino e 12,09% optaram por não responder. Em relação à faixa etária, 22,54% das/os respondentes têm entre 20 e 26 anos e 31,36% entre 26 e 33 anos. Sendo assim, 53,9% dos respondentes possuem entre 20 e 33 anos. O estudo identificou que 45,6% das/os participantes são bolsistas, sendo que 7,6% das bolsas são provenientes da Capes, 5,7% da Fapemig, 1,7% do CNPq e 30,6% não mencionaram qual é a agência financiadora; 49% não têm nenhum tipo de bolsa.

Nas Tabelas 1 e 2, temos acesso aos resultados da pergunta “alguma vez na sua vida você já tomou medicação psiquiátrica, mesmo que tenha sido por pouco tempo?” nas duas pesquisas, respectivamente.

Tabela 1 – *Uso de medicação psiquiátrica – 2019-2020*

Alguma vez na sua vida você já tomou medicação psiquiátrica, mesmo que tenha sido por pouco tempo?	Frequência	Porcentagem
Não, nunca tomei	237	63,37%
Sim, estou tomando	58	15,51%
Sim, já tomei, mas não tomo mais	79	21,12%
Total	374	

Fonte: Dados da pesquisa (2019-2020).

Tabela 2 – *Uso de medicação psiquiátrica – 2022-2024*

Alguma vez na sua vida você já tomou medicação psiquiátrica, mesmo que tenha sido por pouco tempo?	Frequência	Porcentagem
Não, nunca tomei	369	46,6%
Sim, estou tomando	153	19,3%
Sim, já tomei, mas não tomo mais	117	17,8%
Vazias (sem repostas)	153	19,3%
Total	792	

Fonte: Dados da pesquisa (2022-2024).

Os resultados de 2019 revelam que 36,7% dos estudantes estavam fazendo uso ou já fizeram uso de medicação psiquiátrica em algum momento de sua vida. Já na pesquisa de 2022 tivemos um aumento desse percentual, chegando a 42%, número bastante expressivo. Este aumento pode estar atrelado ao fato de que “além do medo de contrair a doença, a pandemia de COVID-19 provocou em diversas pessoas um sentimento de insegurança em relação à saúde, à

esfera social e econômica” (Barros & Silva, 2023, p. 6). Esses fatores podem ter levado ao aumento de sentimentos de ansiedade, de tristeza e de dificuldade para dormir, fazendo com que mais pessoas procurassem tratamento, inclusive lançando mão de medicamentos psiquiátricos.

Conforme discutido por Reis et al. (2021), os medicamentos não são apenas uma ferramenta terapêutica e sim, uma intervenção que entra em ação quando os recursos naturais já não são eficazes. Assim, são deslocados para o campo médico problemas que fazem parte do cotidiano dos indivíduos (Moysés & Collares, 2010). Para Reis et al. (2021), houve uma mudança no uso de medicamentos, passando a ser empregados em situações de cunho coletivo a fim de desenvolver práticas de conforto, como uma técnica para ajustar as pessoas à sociedade competitiva, que demanda produtividade e capacidade de adaptação às adversidades da vida. Podemos ver na fala de uma participante essa situação:

A saúde mental como um todo precisa também ser mais cuidada, agora que eu tô entrando na reta final do mestrado eu tenho tido também muitas crises de ansiedade, anteriormente eu já tinha, mas foi acentuada por causa da pandemia. E agora está pior, ainda mais por conta dessas pressões do fim do curso, dos prazos e tudo e conversando com outros colegas da sala também se percebe essa ansiedade, muitos estão usando remédio psicotrópico (Dados da pesquisa, 2022-2024).

A fala da participante vai ao encontro do estudo de Costa e Nebel (2018), que discorrem como o grau de exigência alto, pressão por publicação, medo de perder a bolsa e até mesmo de não conseguir defender e qualificar no prazo estipulado, fatores de adoecimento cada vez mais presentes no dia a dia da pós-graduação. No primeiro ano da pandemia de Covid-19, um estudo da *World Health Organization* (2022) apresentou que a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25%. Pensando principalmente no contexto da pandemia, esses fatores

foram potencializados pelo isolamento social, lutos, desemprego, medo de contrair a doença ou de que alguém próximo adoecesse etc.

É importante ressaltar que, dos 638 participantes da pesquisa realizada entre 2022 e 2024, 153 relataram usar medicação psiquiátrica. Além disso, sete participantes indicaram estar tomando essa medicação sem acompanhamento terapêutico, enquanto 35 afirmaram estar utilizando medicação, porém não procuraram atendimento há mais de um ano. Unindo quem estava fazendo uso no momento da pesquisa e quem já havia utilizado no ano anterior ou há mais de um ano, temos 42% das/os respondentes, o que consideramos um número expressivo de estudantes.

Esses dados revelam uma variedade de experiências relacionadas à medicação psiquiátrica pelo público estudado e, neste sentido, cabem algumas perguntas: o uso de medicamentos foi anterior ou concomitante ao início da pós-graduação? O curso (mestrado ou doutorado) foi responsável pela utilização desses fármacos? Qual o papel da pandemia nessa utilização? A realização do curso de pós-graduação durante a pandemia acabou desencadeando a necessidade dessa medicação? Esta era imprescindível?

Outro questionamento importante refere-se à seguinte pergunta do questionário: “Você já buscou atendimento psicológico alguma vez em sua vida?”, pois consideramos que o uso de medicação psiquiátrica precisa ser acompanhado de psicoterapia, para que o sujeito possa fortalecer-se para lidar com as questões que provocam o sofrimento psíquico. Assim, nas Tabelas 3 e 4 apresentamos as respostas da primeira e da segunda pesquisa, respectivamente.

Tabela 3 – Respostas à questão sobre atendimento psicológico – 2019-2020

Você já procurou atendimento psicológico alguma vez em sua vida?	Frequência	Porcentagem
Sim, estou em acompanhamento	92	24,60%
Sim, há mais de um ano	56	14,97%

Sim, no último ano	90	24,06%
Não	136	36,36%
Total	374	

Fonte: Dados da pesquisa (2019-2020).

Tabela 4 – Respostas à questão sobre atendimento psicológico – 2022-2024

Você já procurou atendimento psicológico alguma vez em sua vida?	Frequência	Porcentagem
Sim, estou em acompanhamento	239	29,29%
Sim, há mais de um ano	138	17,42%
Sim, no último ano	96	12,12%
Não	165	20,83%
Vazio (sem respostas)	154	19,44%
Total	792	

Fonte: Dados da pesquisa (2022-2024).

Na pesquisa de 2019, podemos perceber que dos 374 participantes, 92 (24,60%) estavam em acompanhamento psicológico. Já os resultados da pesquisa de 2023 revelaram que 58,83% dos participantes já recorreram a atendimento psicológico em algum momento de suas vidas, sendo que 41,41% estavam em acompanhamento durante o período da pandemia (considerando-se que as respostas foram obtidas em 2022 e que no ano anterior, 2021, estávamos vivenciando a pandemia). Pode-se perceber um aumento do número de pessoas que estavam em acompanhamento durante a pandemia; isso se deve a diversos fatores, dentre eles: insegurança, medo, diferentes tipos de luto vivenciado, instabilidade e dificuldades perante os estudos. Uma participante chega a relatar que *“Acredito que a pandemia influenciou diretamente no aumento da minha insegurança/ansiedade, medo de não ser aprovada na qualificação, medo de realizar apresentação oral, além do medo de não ser capaz”* (dados da pesquisa, 2023). De acordo com Maia e Dias (2020) o aumento de informações sobre o Covid-19 nos diversos meios, assim como

o aumento de notícias sobre os óbitos, elevou o estresse e ansiedade percebida em estudantes em comparação ao período pré-epidêmico; neste sentido, segundo uma participante

“Às vezes tenho ansiedade de gerar angústia, aperto no peito, falta de ar. Ainda não consigo compreender o porquê dessas inseguranças, apenas sei que eu não era uma pessoa insegura desse modo antes da pandemia. No momento busquei ajuda psicológica, não estou conseguindo melhorar sozinha” (dados da pesquisa, 2023).

Durante as discussões nas rodas de conversa, visando aprofundar a compreensão sobre a busca por atendimentos psicológicos, observou-se que esses atendimentos são frequentemente associados a queixas de ansiedade e elevado estresse. Uma participante compartilhou:

“Eu tive uma crise de ansiedade no ano passado, porque me sinto muito preocupada com o mestrado, me via me sentindo muito solitária, eu moro sozinha e eu não quis dividir o lugar com ninguém até porque é uma rotina toda diferente” (Dados da pesquisa, 2022-2024).

Em seus achados, que coincidem com os nossos, Câmara (2020) destaca que os principais obstáculos enfrentados pelas/os estudantes de pós-graduação incluem a conciliação entre os estudos e a vida pessoal, além de questões de cunho financeiro e a gestão de tempo na elaboração da tese. De acordo com Pinzón et al. (2020), essa disparidade pode influenciar não apenas a saúde mental das/os estudantes, assim como danificar a realização dos objetivos que almeja. Ademais, a tentativa de conciliação das responsabilidades familiares pode dar início a antagonismos que se estendem ao ambiente de trabalho devido à exaustão emocional (Pinzón, 2020), como pode ser visto por essa fala de um participante:

“Um dos motivos, assim, de meu adoecimento se deu há mais ou menos, um ano e meio, 2 anos atrás. Eu aguento beleza, um ano e meio rasgando de intenso trabalho, no entanto, mais que isso você começa a perder convívio familiar. Você não tem mais prazer no trabalho, você perde um prazer com o objeto de pesquisa, começa a ser doloroso [...]” (Dados da pesquisa, 2022-2024).

Durante as discussões nas rodas de conversa, pode-se perceber como estas aflições psicológicas podem ser geradas ou até mesmo intensificadas por barreiras da pós-graduação, como as dificuldades na realização da pesquisa, que incluem prazos estreitos, exigência de publicação, competitividade, falta de orientação e outras situações como a insegurança e o assédio, compõem obstáculos para as/os pós-graduandas/os (Levecque et al., 2017). Uma participante relata que

“Demorei assim muitos anos para poder entender o que aconteceu. A violência desse ambiente acadêmico, de onde ou você consegue entrar nessa régua, nessa bitola deles, ou você sai ou você vira massa moída, ou você sai fora de alguma forma. Eu. Eu tive que sair, eu acabei sendo expulsa, né, como fracasso escolar como aquele estudante evadido, jubilado” (Dados da pesquisa, 2022-2024).

Portanto, o excesso de trabalho presente no ambiente acadêmico decorrente da carga de responsabilidades em demasia, originado do enfoque massivo na produtividade acadêmica (Levecque et al., 2017; Pinzón, 2020), perpetua efeitos extenuantes que comprometem a saúde psíquica e confiança dos estudantes em seu processo de pesquisa e de escrita acadêmica. Aflitas/os e com medo do “fracasso” escolar, muitas/os se veem reféns da sociedade do produtivismo, como se fossem apenas números. Uma participante relata no questionário

“Sinto que sou um mero instrumento do sistema acadêmico, como se o produto do meu doutorado fosse a tese, aliás, os artigos que serão gerados a partir dela! Não me enxergam como o verdadeiro produto dessa pós-graduação. Tenho que me lembrar disso sozinha! Porque, apesar de ter uma boa orientadora hoje, sinto que ela também está imersa nesse sistema "Publicação é tudo"” (dados da pesquisa, 2022-2024).

Consideramos ser importante destacar que, no momento histórico a partir de uma conjuntura global que envolveu a pandemia, como Antunes (2021) denuncia, o entrelaçamento catastrófico entre o “metabolismo antissocial do capital, a crise estrutural do capital e a explosão do coronavírus ou, se quisermos usar uma síntese forte, a pandemia do capital”⁹ (p. 40) trouxe consequências devastadoras para estudantes também, notadamente da pós-graduação, com as inúmeras exigências relacionadas a prazos e publicações.

Outro aspecto a ser abordado nessa discussão é que a aprendizagem e as dificuldades nesse processo são frequentemente descritas como individuais, intrínsecos à/ao aluna/o, percebidas muitas vezes como algo sobre o qual o/a professor/a não tem controle, eximindo-o de qualquer responsabilidade (Collares & Moysés, 1994). Essa culpabilização da/o discente pelo seu não aprender acarreta sérios sofrimentos, pois esta/e impõe a si mesma/o responsabilidades pelo fracasso e a sua não adequação ao sistema educativo, como pode ser percebido na fala de uma participante, que assume para si mesma que *“dessa vez não ia ser eu, motivo do fracasso”* (dados da pesquisa, 2022-2024).

É fundamental reconhecer que este estudo tem suas limitações e que são necessárias mais pesquisas para uma compreensão mais aprofundada sobre essas questões. Precisaríamos fazer correlações entre os dados da pesquisa, como se a/o estudante que utiliza medicação está realizando mestrado ou doutorado, ano de ingresso e período de utilização daquela, percepção

⁹ No original: “metabolismo antisocial del capital, la crisis estructural del capital y la explosión del coronavirus o, si quisiéramos usar una síntesis fuerte, el capital pandémico” (tradução das autoras).

de bolsa de estudos, renda *per capita* e diálogo com as respostas às escalas de stress percebido e de dificuldades acadêmicas. A falta de acompanhamento terapêutico para aquelas/es que estão medicados e a interrupção do tratamento após o primeiro contato com os serviços de saúde mental destacam áreas críticas que precisam ser exploradas em futuras pesquisas. A complexidade e a individualidade das experiências relacionadas ao tratamento psiquiátrico exigem uma abordagem aprofundada para informar intervenções e políticas mais eficazes neste campo, o que poderia ser possível por meio de entrevistas, por exemplo.

Outro aspecto presente nos questionários e rodas de conversa é que muitas/os foram afetadas/os pela falta de empatia e de preparação dos/as orientadores/as, além da falta de reorganização dos prazos para os exames de qualificação e defesa, uma vez que *“os professores não se adaptaram às aulas, na verdade, deram ainda mais atividades e em prazos menores. Além disso, a comunicação traz uma sensação de desamparo. Penso em desistir todos os dias.”* (Dados da pesquisa, 2022-2024) e, ainda, *“A relação com o orientador é complicada justamente pela falta de orientação”* (Dados da pesquisa, 2022-2024).

Nesta perspectiva, a necessidade de produtividade acadêmica, de modo geral, não diminuiu mesmo nesses tempos difíceis; pelo contrário (Antunes, 2021) e, como salientam Assunção et al. (2021, p. 547), as/os estudantes sentiram a pressão sobre a sua saúde mental e *“como tem sido difícil manter o foco, a concentração, o rendimento e a motivação em seus estudos e trabalhos”*.

Assim, a transição entre os planos concernentes à pós-graduação e a realidade fez com que muitas pessoas entrassem em períodos improdutivos devido ao aumento de sentimento de culpa, estresse, autodestruição e até mesmo pensamentos de desistência.

Segundo Carvalho (2023, s/p),

Ademais, o contexto da pandemia e isolamento social contribuíram para redução da rede de apoio dos Pós-Graduandos e empobrecimento das experiências durante a formação.

Tal sofrimento é expresso como ansiedade, angústia, sentimento de insuficiência e sintomas depressivos. Apesar das dificuldades e do sofrimento vivenciado, observamos resistência e reestruturação dos nexos entre as funções psicológicas superiores para sobreviver e responder às demandas postas pela atividade em questão. Faz-se necessário, ainda assim, transformações na política brasileira diante a Educação e na Pós-Graduação para que esta atividade reassuma sua função de promotora do processo de humanização.

A pesquisa aqui relatada aponta a necessidade urgente de enfrentamento ao sofrimento psíquico de estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, seja por meio de políticas públicas no campos da educação, da ciência e da tecnologia, seja por ações institucionais, a serem implementadas pelas IES e também pelos próprios Programas de Pós-Graduação. Maior e equilibrada oferta de bolsas, acolhimento às/aos estudantes em seu ingresso e acompanhamento ao longo do curso, ações de formação continuada e atenção à relação entre orientador/a e orientanda/o são algumas das propostas nesse sentido.

Considerações Finais

Como anteriormente citado, esta pesquisa teve como objetivo analisar o fenômeno da medicalização em estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu* de Instituições Federais de Minas Gerais considerando o contexto da pandemia de Covid-19. Desta forma, nos debruçamos a compreender como a medicalização se manifesta no contexto acadêmico, os nossos achados sugerem um aumento do sofrimento psíquico dos estudantes de pós-graduação, revelando o aumento no consumo de medicamentos psiquiátricos e o aumento na procura de atendimento psicológico, mas não de modo concomitante.

No estudo, houve relatos de professoras/es não preparadas/os para a atividade de orientação, orientadoras/es com demasiadas/os alunas/os e falta de compreensão em relação à nova situação posta pela pandemia de Covid-19. Isso deixou as/os estudantes mais

fragilizadas/os emocional e profissionalmente, o que parece ter se traduzido na utilização de medicação psiquiátrica – algo a ser melhor explorado, como apontamos acima.

A abordagem biologicista, muito presente atualmente, limita a compreensão acerca do indivíduo que está sofrendo e, conseqüentemente, da própria natureza do sofrimento, que sempre precisa ser considerada em sua dimensão social, para além da subjetiva. Retomando a perspectiva da Patopsicologia Experimental de Zeigarnik (1979) estudantes adoecidas/as pela e na pós-graduação precisam ser focalizadas/os, também a partir das condições materiais concretas postas pelo próprio mestrado e/ou doutorado, pois seu adoecimento dialeticamente provocará alterações em sua personalidade, causadas justamente por essas condições. Vale a pena realizar a pós-graduação em tal conjuntura?

A Psicologia Escolar nos permite um olhar emancipador e crítico frente a uma sociedade imediatista e produtivista. Desta forma, esta pesquisa nos possibilita um olhar crítico tanto à pós-graduação na pandemia como nos tempos pós-pandêmicos, mas que ainda reverberam. Como nos alertam Silva e Silva (2022, pp. 12-13), essa conjuntura vivenciada na pandemia

[...] trouxe uma situação inimaginada e inimaginável para a Educação brasileira, que já está exigindo de psicólogas e psicólogos escolares outros olhares para o intrincado campo educacional e seus diversos atores. A Psicologia Escolar e Educacional continuou atuando, em sua vertente crítica, dentro das possibilidades para defender seu compromisso ético e político com uma educação que promova o pleno desenvolvimento do ser humano, através de uma educação emancipatória do sujeito. Luta difícil e cheia de obstáculos, mas que enfrentaremos com mais força nos anos presentes e nos seguintes ao fim da pandemia [...]

Outrossim, os resultados aqui apresentados fornecem uma base para a construção de políticas públicas educacionais na pós-graduação, visando um ambiente universitário mais

humanizado e emancipador. Embora o tema desta pesquisa tenha importância significativa, é importante notar que focalizamos o contexto de Minas Gerais; no entanto, estudos futuros podem ser realizados utilizando-a como base para compreender o sofrimento psicológico vivenciado em tempos pós-pandemia. Além disso, tais estudos podem aprofundar as semelhanças e disparidades entre as conclusões atuais e as de várias regiões e demais estados do país. Recomendamos, por fim, que pesquisas no campo da Psicologia Escolar e Educacional também abarquem docentes e coordenações de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, segmentos citados por estudantes e que certamente têm muito a relatar sobre seu sofrimento, a ser enfrentado de modo coletivo.

Referências

- Antunes, R. (2021). Capitalismo pandêmico y letalidad del trabajo: por un nuevo modo de vida. *Revista Izquierda*, 1, 39-39. https://revistaizquierda.com/wp-content/uploads/2022/06/4-Revista_Izq_100-Ricardo-Antunes.pdf
- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior; Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Estudantis. (2018). V Pesquisa do Perfil Sócioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras. 2014. <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>
- Luiz, A.V.A, Pitta, N.C., Cíntra, A.S., Corsi, C.A.C., Queiroz, A.A.F.L., & Fernandes, A.P.M.(2021). Impacto da Covid-19 em alunos de Pós-graduação. *Olhares & Trilhas*, 23(2), 538–554. <https://doi.org/10.14393/OT2021v23.n.2.60117>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. 3. ed. São Paulo: Edições 70
- Barros, J. C., & Silva, S. N. (2023). Use of Psychotropic Drugs during the COVID-19 pandemic in Minas Gerais, Brazil. *Revista Brasileira De Epidemiologia*, 26, e230059. <https://doi.org/10.1590/1980-549720230059>
- Brasil. (2018). Qual a Diferença entre Pós-Graduação Lato Sensu e Stricto Sensu? Brasília, DF. Recuperado de <https://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu>
- Cabral, T. L. O; Silva, F. C.; Pacheco, A. S. V.; Melo, P. A. (2020). A Capes e suas Sete Décadas: trajetória da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. *Revista Brasileira de Pós-graduação-RBPG*. Brasília, v.16, n. 36. Recuperado de: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1680/915>

- Câmara, V. M. S. (2020). *Adoecimento e atendimento psicológico de pós-graduandos: perfil, queixas e fatores associados aos sintomas de ansiedade* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas). <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/2484>
- Carvalho, B. M. (2023). *O sofrimento psíquico de estudantes da pós-graduação stricto sensu em Psicologia: reflexões a partir da Teoria da Atividade de A. N. Leontiev e da Patopsicologia de B. V. Zeirgarnik*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Ciências Humanas, Campo Grande. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6343>
- Collares, C. A. L., & Moysés, M. A. A. (1994). A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação). *Série Idéias*, v.23, pp. 25-31. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_23_p025-031_c.pdf
- Conselho Federal de Psicologia. (2015). *Recomendações de práticas não medicalizantes para profissionais e serviços de educação e saúde*. Grupo de trabalho Educação e Saúde do fórum sobre medicalização da educação e saúde. São Paulo. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2015/06/CFP_CartilhaMedicalizacao_web16.06.15.pdf
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2019). *GeoCapes*. <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>
- Costa, E. G. & Nebel, L. (2018). O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis*, 17(50), 207-227. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200207>.
- Glatz, E. T. M. de M., Yaegashi, S. F. R, França, F. F, Souza, S. de., Fonseca, A. A. R. da, & Rabassi, L. K. B. da C. (2022). *A saúde mental e o sofrimento psíquico de pós-graduandos: uma revisão de literatura em teses e dissertações*. *Revista Educar Mais*, 6, 255–273. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.6.2022.2719>
- Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 37, e200067. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e20006>
- Miranda, G. J., Silva, S. M. C., Silva, L. B., Pegoraro, R. F., & Pereira, J. M. (2022). *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*, v.15, n.2, p. 24-43. <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2022.e83913>
- Moura, A. F., & Lima, M. G. (2014). A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. *Revista Temas Em Educação*, 23(1), 95–103. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>

- Moysés, M. A. A., & Collares, C. A. L. (2010). Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica. In Conselho Regional de Psicologia de São Paulo [CRP/SP]; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar. *Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos* (pp. 71-110). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ONU. *1 bilhão de pessoas vivem com algum transtorno mental, afirma OMS*. [S. 1.], 2022. <https://news.un.org/pt/story/2022/06/1792702>
- Pinzón, J. H., Sanchez, G. M., Machado, W. L., & Oliveira, M. Z. (2020). Barreiras à Carreira e Saúde Mental de Estudantes de Pós-graduação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 21(2), 189-201. <https://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2020v21n206>
- Reis, T. S. D., Ragnini, E. C. S., & Boehs, S. T. M. (2021). Sofrimento psíquico e uso de psicofármacos entre estudantes de Pós-Graduação. *Revista do NUFEN*, 13(2), 45-56. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200005&lng=pt&tlng=pt
- Rodrigues, T. S. (2018). *Dislexia e TDA/H no Ensino Superior: o recurso à medicalização como privilégio para o ingresso?* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. DOI <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.308>.
- Santos, F. L. S. (2023). *Biopolítica, medicalização e pandemia da Covid-19: saberes, discursos e poderes sobre as infâncias na educação brasileira nos séculos 20 e 21*. (Tese de Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas). <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/12025>
- Silva, M. A. S. da, & Tuleski, S. C. (2015). Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. *Estudos De Psicologia* (Natal), 20(4), 207–216. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150022>
- Silva, S. M. C. da., Antunes, M. A. M., Pegoraro, R. F., Miranda, G. J., & Silva, L. B. e. (2023). Motivos para o ingresso na pós-graduação *stricto sensu* - uma pesquisa com estudantes de uma IES pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, e250905. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-250905>
- Silva, B. M. C., & Silva, S. M. C. (2022). Psicologia Escolar e Educacional na crise sanitária e política: qual caminho seguir? *Revista Cocar*, 16(34). <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5250>
- World Health Organization. (2022). *Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo* [Internet]. <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na>

[prevalencia-ansiedade-e-depressao-em#:~:text=2%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)](#)

Teixeira, E. C. (2002). O Papel das Políticas Públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. *Associação dos Advogados de Trabalhadores Rurais da Bahia*. http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf

Zancan, R. K., Machado, A. B. C, Boff, N. & Oliveira, M. S. (2021). Estresse, Ansiedade, Depressão e Inflexibilidade Psicológica em Estudantes Universitários de Graduação e Pós-Graduação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(2), 749-767. <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.61067>

Zeigarnik, B. V. (1979). *Introducción a la Patopsicología*. La Habana: Científico Técnica.